



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de assinatura de atos**

**Salvador-BA, 28 de outubro de 2008**

Excelentíssimo senhor José Sócrates, Primeiro-Ministro da República de Portugal,

Meu caro companheiro Jaques Wagner, Governador da Bahia,

Senhores ministros portugueses, Luís Amado, dos Negócios Estrangeiros; Manuel Pinho, da Economia e da Inovação; Mário Lima, das Obras Públicas, Transportes e Comunicações; José António Pinto Ribeiro, da Cultura,

Ministros que me acompanham nesta viagem, Celso Amorim, das Relações Exteriores; Juca Ferreira, da Cultura; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Hélio Costa, das Comunicações; Marcio Fortes, das Cidades; Geddel Vieira Lima, da Integração Nacional; e Pedro Brito do Nascimento, do Esporte,

Embaixador Seixas da Costa, em nome do qual saúdo os demais integrantes da delegação portuguesa,

Embaixador Celso Marcos Vieira de Souza, embaixador do Brasil em Lisboa,

Meu caro amigo João Henrique Carneiro, Prefeito de Salvador,

Meu caro amigo José Sergio Gabrielli, Presidente da Petrobras,

Meu caro Alan Kardec,

Meus amigos da imprensa,

Senhoras e senhores,

Receber o meu amigo primeiro-ministro José Sócrates, em Salvador, na Bahia, é relembrar que Portugal e Brasil são unidos pelo extraordinário



potencial de sua amizade. Foi desta cidade, a primeira capital luso-brasileira, que portugueses e brasileiros partiram juntos para conquistar o Mundo Novo, para construir uma nova pátria.

A celebração aqui de mais uma edição da Cúpula Brasil-Portugal reafirma nosso compromisso de assentar em bases cada vez mais sólidas essa parceria secular. Dom João deu um magnífico exemplo logo ao desembarcar nesta cidade em 1808: decretou a abertura dos portos brasileiros ao exterior e fundou uma escola para formar médicos, a primeira faculdade de Medicina do País. Dava início, assim, às profundas transformações que forjariam o Brasil de hoje.

É com este país que Portugal hoje mantém crescentes trocas comerciais, investimentos e parcerias econômicas. Acima de tudo, são relações nascidas do trabalho daqueles que saíram de suas casas para buscar uma nova vida no outro lado do Atlântico. E por isso, e por si só, deveríamos manter sempre no centro de nossas atenções as comunidades imigrantes.

Senhoras e senhores,

Desde nossa última Cúpula, em 2005, o comércio bilateral teve aumento superior a 60%, alcançando o recorde de US\$ 2 bilhões. Portugal já é o sétimo maior investidor no Brasil: são mais de US\$ 8 bilhões em investimentos portugueses no Brasil em áreas estratégicas como energia, telecomunicações e turismo. É o caso da Telecom Portugal, que será a primeira empresa a se instalar no Parque Tecnológico de Salvador.

Também se multiplicam as inversões brasileiras em Portugal, em setores tão distintos quanto siderurgia, publicidade e informática.

Eu tive o prazer de participar da cerimônia em que a Embraer anunciou a decisão de abrir duas unidades para a produção de aeronaves no Alentejo. E as possibilidades de novos investimentos são ainda maiores, sobretudo quando nossas empresas forjam parcerias.



É isso que Petrobras e Galp Energia estão fazendo na área de biocombustíveis, para produzir biodiesel no Nordeste brasileiro e para exportá-lo para Portugal, quiçá para outros países da Europa.

Pode parecer ingênuo comemorar os números de nossas relações econômicas e comerciais no meio de uma crise financeira global de duração e conseqüências ainda imprevisíveis, mas eu acho que é exatamente isso que precisamos fazer. Temos que insistir no comércio, nos investimentos e nas parcerias, justamente para não cair na espiral do derrotismo e da especulação.

Hoje, mais do que nunca, precisamos insistir na conclusão das negociações da Rodada de Doha. Um acordo agora enviaria um forte sinal positivo da capacidade de articulação da comunidade internacional. É, também, o momento de desemperrar as negociações comerciais entre o Mercosul e a União Européia.

Nossos países estão tomando as medidas necessárias para navegar na crise com o mínimo de sobressaltos e de acidentes de percurso. No Brasil estamos dando seguimento ao Plano de Aceleração do Crescimento, que ajudará a manter o nível das atividades produtivas e os empregos. Ao mesmo tempo, contribui diretamente para a modernização da infra-estrutura econômica do nosso país. Este também é o momento para a reflexão coletiva, por parte de todos os países, ricos e pobres. Isso, para nós, está mais do que claro.

Na Cúpula do G-20, financeira, em Washington, dentro de duas semanas, precisamos tomar a decisão de iniciar as urgentes reformas estruturais do sistema financeiro internacional, reformas que venho defendendo há muito tempo. A presença do Brasil nessa discussão é prova de que as economias emergentes não podem mais ser ignoradas e que não podem ser reduzidas a vítimas de um receituário que nunca valeu para os países que estão no epicentro da crise. Temos, acima de tudo, a responsabilidade de defender os interesses dos países mais pobres, que serão os mais



prejudicados se não agirmos rapidamente, para evitar o agravamento do caos financeiro global.

Meus caros amigos e amigas,

Agradecemos o apoio português à candidatura do Brasil a integrar o grupo de novos membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU. Entendemos esse gesto como expressão de confiança na capacidade de o Brasil contribuir para essa nova arquitetura que se faz necessária.

É justamente para defender práticas mais transparentes e concertadas que proponho realizar uma nova Cúpula sobre o Desenvolvimento Sustentável em 2012, no Rio de Janeiro. Vamos pensar em conjunto como levar prosperidade para nossos cidadãos, sem comprometer o futuro das próximas gerações.

É também dentro dessa perspectiva que contamos com importante delegação portuguesa na Conferência Internacional sobre Biocombustíveis, agora em novembro, em São Paulo. Para mostrar que o etanol e o biodiesel podem ser poderosas ferramentas para combinar proteção ambiental e segurança energética com combate à fome e à pobreza.

Meu caro amigo e companheiro José Sócrates,

Receba meu reconhecimento pela contribuição portuguesa para o êxito dos trabalhos da Cúpula União Européia e Brasil. Contamos com seu continuado empenho para assegurar que a Segunda Cúpula, em dezembro próximo, esteja à altura das potencialidades dessa parceria.

Portugal e Brasil são sócios em uma empreitada ainda mais ambiciosa. Reitero meu compromisso com a promoção da língua portuguesa como idioma global. Já é mais do que hora para que nossa língua seja adotada nos fóruns multilaterais. Nesta Cúpula assinamos atos que fortalecem nossos mecanismos de consultas nas esferas política e consular.

Todos esses avanços, juntamente com o nosso diálogo aprofundado sobre os temas centrais da agenda internacional, mostram que as relações



entre Portugal e Brasil vão muito além dos vínculos tradicionais forjados sobre o nosso passado comum, mostram que estamos construindo uma sólida agenda para o futuro.

Meu caro amigo Primeiro-Ministro Sócrates,

Eu lhe disse agora há pouco que na hora do almoço nós vamos discutir um pouco sobre a crise econômica. E eu penso que Portugal e Brasil podem, juntos, contribuir para dar sugestões e idéias em dois momentos importantes. Primeiro, Portugal participa dos fóruns da União Européia. Segundo, o Brasil participa dos fóruns do G-20 Financeiro, e fizemos ontem uma reunião com os ministros do Mercosul – os ministros da Fazenda e os Bancos Centrais. Estamos num processo de acumulação de informações para que possamos formatar novas sugestões para o mundo financeiro internacional.

Uma das coisas que mais me deixa à vontade e certo de que seremos exitosos nessa nossa empreitada é que para a opinião pública mundial os mercados já não são tão infalíveis como pareciam ser há alguns anos. Para esses mesmos formadores de opinião pública, que ajudaram a construir o Consenso de Washington ou o pensamento único, já está ficando claro que as instituições financeiras, que durante tantos e tantos anos foram orientadoras de políticas, eu diria quase todas com pouco resultado, para os países em desenvolvimento, já não têm mais razão de funcionar como vinham funcionando até há pouco tempo.

Até mesmo o sistema financeiro global, com bancos considerados megabancos, que tantas vezes tentaram orientar como os governantes dos países pobres e emergentes deveriam governar os seus países, ou que muitas vezes ainda dizem qual o país que tem risco e qual o país que não tem risco, mesmo esses bancos estão a demonstrar que, durante muito tempo, se preocuparam em dar palpite na economia de outros países, sem se preocupar em administrar a sua própria empresa ou a sua própria casa.

É por isso que eu disse, no discurso que fiz em setembro, na sede das



Nações Unidas, que é chegada a hora da política. Nós fomos eleitos. Nós assumimos compromissos com o povo de cada um dos nossos países. E eu penso que o Estado volta a ter um papel extraordinário, porque todas essas instituições, que passaram três décadas negando o papel do Estado, na hora que tem uma crise procuram o Estado em que elas não confiam, para socorrê-las das crises provocadas por elas mesmas.

Por isso é que chegou a hora da política. Por isso é que chegou a hora de os políticos entrarem em ação e proporem, não em defesa do Estado, mas em defesa das populações que nós representamos, que o sistema financeiro tem a obrigação, como todo outro segmento da sociedade, de ganhar o seu dinheiro aplicando em coisas que gerarão riquezas, que gerarão produtos, que gerarão empregos. Nós não podemos admitir que o sistema financeiro internacional brinque com a sociedade. Nós não podemos permitir que alguém fique rico trocando apenas papéis, às vezes papéis que perpassam oito, nove, dez instituições, todas ficando ricas, sendo que poucas vezes se gerou a produção de um paletó, de um botão ou de um alfinete.

Portanto, eu penso que Portugal pode, junto à União Européia, fazer a força política que precisa fazer, que nós aqui na América Latina, no G-20 Financeiro... no dia 8 foi o encontro dos ministros da Fazenda em Washington. A gente fazer valer os interesses soberanos de cada nação a partir da lógica da geração de empregos, da distribuição de renda, da criação de novos postos de trabalho, de novas universidades e, de uma vez por todas, abolir o cassino em que foi transformada parte do sistema financeiro internacional.

A coisa é tão vergonhosa que muitos bancos importantes fizeram questão de fingir que não era com eles. Desde setembro nós conhecemos a crise do *subprime*, mas somente agora é que estamos conhecendo quais as instituições que estavam envolvidas e que poderiam ter evitado a crise chegar ao tamanho que chegou se tivessem assumido responsabilidades em 2008, ou ainda, quem sabe, em 2007.



O mais importante de tudo isso, Sócrates, é que eu penso que fazer valer a força da política não é um discurso eminentemente ideológico. É um discurso para garantir que o sistema financeiro, como o governo, como qualquer outra instituição, tenha liberdade para trabalhar desde que não esteja causando prejuízo à sociedade ou ao país a que ele pertence.

O Brasil não precisaria estar sofrendo essa crise. O nosso sistema financeiro não está metido no *subprime*. O governo tem R\$ 504 bilhões de reais para investimentos até 2010. As grandes empresas brasileiras têm grandes investimentos no setor siderúrgico, no setor ferroviário, nas rodovias brasileiras, nos portos brasileiros, no setor siderúrgico, na agricultura. Nós trabalhamos honestamente durante seis anos para colocar a economia brasileira num padrão de economia respeitável no mundo inteiro. É por isso que nós conseguimos juntar US\$ 207 bilhões em reservas; é por isso que nós conseguimos equilibrar e ter uma balança comercial robusta; é por isso que nós fizemos os ajustes fiscais que deveríamos fazer no Brasil.

Entretanto, por que nós estamos vivendo sinais da crise? Porque alguns setores da economia brasileira resolveram investir numa coisa chamada derivativos. Não era fazer *hedge*. Era além do *hedge*, que é uma segurança para quem exporta. Resolveram ganhar um pouco mais, tentando construir um cassino após o *hedge* para ganhar com a especulação da desvalorização do dólar e da valorização do real.

Portanto, quem foi para a jogatina, perdeu. E é um sinal extraordinário para que as pessoas descubram que aqui neste país, eu duvido que tenha um momento em que os empresários ganharam tanto dinheiro como ganharam nesses últimos anos. Duvido que o sistema financeiro brasileiro já ganhou o tanto de dinheiro que ganhou nesses últimos anos. Portanto, ninguém tinha o direito de tentar, de forma, eu diria, ilícita, mais do que aquilo que o próprio sistema produtivo do País oferecia.

Eu acho, meu amigo, que nós temos uma oportunidade. Houve um



tempo em que os políticos andaram de cabeça baixa, porque o mercado podia tudo, todo mundo tinha soluções, só o Estado é que não podia nada. Agora chegou a vez, não de fazermos o Estado voltar a se intrometer na economia e fazer fábricas, um monte de coisas – não é isso que nós queremos – mas é um Estado que tenha força política para regular a economia do País, para regular o sistema financeiro e permitir que eles utilizem, para crescer, a mesma prática que um trabalhador humilde utiliza para ter um aumento de salário, para comprar uma televisão ou uma geladeira.

É por isso que tenho dito: chegou a vez e a hora da política ocupar o seu papel nas grandes decisões do mundo, e nós temos uma grande oportunidade.

Muito obrigado, meu amigo.

(211A)